

## DES-TEMPO

*Para que no intervalo vacilante,  
para que no escuro haja alguma coisa a que apegar-se.*

FRIEDRICH HÖLDERLIN

O “último dos homens” de Nietzsche é surpreendentemente atual. A “saúde”, que hoje se erige em valor absoluto, em religião, era já objeto de respeito para o último dos homens<sup>1</sup>. E este é, por outro lado, um hedonista. Tem o seu “pequeno prazer do dia e o seu pequeno prazer da noite”. O sentimento e a nostalgia afastam o desejo e o prazer. “O que é o amor? O que é a criação? O que é o anseio? O que são as estrelas? — pergunta o último dos homens e pisca os olhos.” Por fim, a vida, longa e saudável, mas aborrecida, tornar-se-á para ele insuportável. Por isso, toma drogas que o levarão à morte. “Um pouco de veneno de vez em quando, para ter sonhos agradáveis. E muito veneno no fim, para ter uma morte agradável.” É um paradoxo que a sua vida, que ele tanto procura alongar por meio de uma política de saúde estrita, acabe prematuramente. Ex-pira (*ver-endet*) a destempo em vez de *morrer*.

1 F. Nietzsche, *Also sprach Zarathustra*, vol. 1, Berlim, 1968, p. 14. [Cf. *Assim Falava Zarathustra*, tradução de Paulo Osório de Castro, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1998. (N. T.)]

Quem não pode morrer *no seu devido tempo* perece a destempo. A morte supõe que a vida termina por completo. É uma *forma de final*. Se a vida carece de qualquer forma de unidade de sentido, acaba a destempo. É difícil morrer num mundo em que o final e a conclusão foram deslocados por uma interminável corrida sem rumo, uma incompletude permanente e um começo sempre novo, num mundo, pois, em que a vida não tem por conclusão uma estrutura, uma unidade. Assim, a trajetória vital é interrompida a destempo.

A aceleração atual tem a sua causa na incapacidade geral de acabar e de concluir. O tempo aperta porque nunca se acaba — nada conclui porque não se rege por gravitação alguma. Portanto, a aceleração exprime que se romperam os diques temporais. Já não há diques que regulem, articulem ou deem ritmo ao fluxo do tempo, que possam detê-lo e guiá-lo, *sustentando-o*, no tão belo duplo sentido da palavra. Quando o tempo perde o ritmo, quando flui no aberto sem se deter sem rumo algum, desaparece também qualquer *tempo apropriado ou bom*.

Zaratustra invoca, perante este perecer a destempo, outra morte: “Muitos morrem demasiado tarde e alguns morrem demasiado cedo. E a doutrina: ‘Morre a tempo!’ ainda nos soa estranha. Morrer a tempo, eis o que ensina Zaratustra. Mas como há de morrer a tempo quem nunca viveu a tempo?”<sup>2</sup> O homem perdeu completamente o sentido deste *a tempo*. Cedeu ao destempo. Também a morte chega a destempo, como um ladrão: “Tanto para o combatente como para o vencedor, odiosa é essa vossa morte gesticuladora que se aproxima furtiva como um ladrão — mas que, não obstante, chega como um senhor.” É impossível uma liberdade para a morte se esta se mantém encerrada na própria vida. Nietzsche pensa numa “morte como consumação”,

<sup>2</sup> *Ibid.* p. 89.

que, perante o morrer a destempo, faça com que a vida se dê a si própria uma forma ativa. Contra todos os “cordoeiros” de longa vida, Nietzsche expõe o seu ensinamento da morte livre: “Mostro-vos a morte como consumação, que é para os vivos um agulhão e uma promessa.” É a mesma referência que encontramos no “ser livre para a morte” de Heidegger. Deste modo, a morte, como força criadora e de consumação do presente, já não se apresenta a destempo, mas antes se integra na vida<sup>3</sup>. Tanto a morte livre e enquanto consumação de Nietzsche como o ser livre para a morte de Heidegger correspondem a uma gravitação temporal, que procura assegurar que o passado e o futuro compreendam e abarquem o presente. Esta tensão temporal desliga o presente da sua fuga infinita e sem rumo e carrega-o de sentido. O tempo justo ou o momento oportuno surgem somente no âmbito de uma tensão temporal num tempo orientado. Em contrapartida, num tempo atomizado todos os momentos são iguais entre si. Nada há que distinga um momento do outro. A fragmentação do tempo reduz a morte ao perecer. A morte põe ponto final, ainda que a destempo, à vida, que é um presente que sucede sem rumo. Daí que hoje se torne especialmente difícil morrer. Tanto Nietzsche como Heidegger se opõem à fragmentação do tempo, que reduz a morte a um perecer a destempo.

Quem tem uma meta e um herdeiro quer a morte no momento justo para a meta e para o herdeiro. E por respeito à meta e ao herdeiro não porá coroas murchas no santuário da vida. Na verdade, não quero parecer-me com os cordoeiros

3 Veja-se M. Heidegger, *Sein und Zeit*, Tubinga, 1993, p. 384: “Só o ser livre para a morte confere ao *Dasein* a sua finalidade plenária e lança a existência na sua finitude. A finitude, quando assumida, subtrai a existência à infinita multiplicidade de possibilidades de bem-estar, facilidade, fuga das responsabilidades, que imediatamente se oferecem, e conduz o *Dasein* à simplicidade do seu destino [*Schicksal*].”

que esticam as suas cordas e, ao fazê-lo, não param de recuar<sup>4</sup>.

Nietzsche invoca insistentemente o “herdeiro” e a “meta”. É manifesto que não está consciente do alcance que tem a morte de Deus. Entre as suas consequências, contam-se, bem vistas as coisas, o fim da história — quer dizer, o fim da “meta” e do “herdeiro”. Deus funciona como um estabilizador do tempo. Assegura que o presente seja duradouro, eterno. Deste modo, o próprio tempo pontualiza a sua morte, fica desprovido de qualquer elasticidade teológica, teleológica ou espiritual. O presente reduz-se a um *ponto* temporal fugidio. O herdeiro e a meta desapareceram dele. O presente não transporta consigo a longa cauda do passado e do futuro. Depois da morte de Deus, ante a proximidade do fim da história, Nietzsche empreende o terrível esforço de restituir a tensão temporal. A ideia do “eterno retorno do mesmo” não só é expressão do *amor fati*, mas é também o desígnio de reabilitar o *destino* e, na realidade, o tempo do destino.

O “se” impessoal heideggeriano<sup>5</sup> surge do “último dos homens” de Nietzsche. Os atributos através dos quais é definido o “se” impessoal podem aplicar-se também ao último homem. Eis como Nietzsche o descreve: “Todos querem o mesmo, todos são iguais: quem tem maneiras diferentes de sentir toma voluntariamente o caminho do manicómio.” O “se” impessoal de Heidegger é também um fenómeno temporal. A fragmentação do tempo é acompanhada por uma massificação e uma homogeneização cada vez maiores. A existência própria, o indivíduo em sentido estrito, dificulta o bom funcionamen-

4 F. Nietzsche, *Also sprach Zarathustra*, *op. cit.*, p. 89.

5 M. Heidegger, *Sein und Zeit*, *op. cit.*, pp. 126 e segs: “Na utilização dos meios de transporte públicos, no emprego dos serviços de informação (jornais), cada um é igual a qualquer outro. Gozamos e divertimo-nos como *se* goza; lemos, vemos e jogamos sobre literatura e arte como *se* vê e *se* joga.”

to do “se” impessoal — quer dizer, da massa. A aceleração do processo vital impede que se constituam formas divergentes, que as coisas se distingam, que se desenvolvam formas independentes. Tudo isso requer a época da maturidade. Nesse sentido, não há grande diferença entre o “último dos homens” de Nietzsche e o “se” impessoal heideggeriano.

Heidegger também invoca a “herança” e a “transmissão” frente à fragmentação do tempo numa sucessão de presentes pontuais. Toda a “bondade” é um “legado”<sup>6</sup>. A “repetição” responde à “possibilidade da existência já existida”<sup>7</sup>. O “legado” e a “transmissão” geram uma continuidade histórica. Evoca-se o “antigo” frente à veloz sucessão do “novo”. Em *Ser e Tempo*, Heidegger tenta restituir a história em vista do seu fim iminente, ainda numa *forma vazia* — uma história que, sem conteúdos, afirma unicamente a sua força formal temporal.

Hoje em dia, as coisas ligadas à temporalidade envelhecem muito mais rapidamente do que antes. Tornam-se instantaneamente em passado e, assim, deixam de captar a atenção. O presente reduz-se a picos de atualidade. Já não dura. Frente ao domínio de um presente pontual e sem consciência histórica, Heidegger reivindica uma “*des-presentação* do hoje”<sup>8</sup>. A causa da contração do presente ou desta duração minguan-te não se deve, ao contrário do que muitas vezes erradamente se pensa, à aceleração<sup>9</sup>. A ligação entre a perda da duração e a aceleração é muito mais complexa. O tempo precipita-se como uma avalanche porque deixou de encontrar seja o que for que o sustente no interior de si próprio. Cada ponto do presente, entre os quais já não existe qualquer força de atração temporal, faz com que o tempo se desenfreie, com que os

6 *Ibid.*, p. 383.

7 *Ibid.*, p. 386.

8 *Ibid.*, p. 391.

9 Tal é o esquema simples seguido por H. Rosa na sua monografia *Beschleunigung. Die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*, Frankfurt, Suhrkamp, 2005.